

COREN-SP

Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo

Março / Abril de 2004 n.º 50

ENFERMAGEM SÃO PAULO



O percurso da profissão
na história da cidade

Semana da enfermagem



Como já é de conhecimento de todos, de 12 a 20 de maio comemoramos a Semana de Enfermagem, onde profissionais de todo país reúnem-se em eventos com diferentes objetivos, palestras, workshops etc. Enfim, um momento que pode ser aproveitado para reflexão: a tecnologia permitiu que a atividade de enfermagem evoluísse muito ao longo do último século. Será que a postura dos profissionais também evoluiu?

Nós, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem já conquistamos um importante espaço na sociedade. Falta agora zelar por ele, não permitindo que ações impen-sadas ou falta de conhecimento destrua essa difícil conquista.

Nesta edição estamos abordando a importância da imagem profissional, fazendo um percurso sobre a evolução da enfermagem e, também, do importante reconhecimento da enfermagem por sua competência:

o relato de duas enfermeiras que ocupam a diretoria técnica de hospitais, cargos tradicionalmente ocupados apenas por médicos.

É importante saber que, para o desenvolvimento saudável de qualquer cidade, é necessário a existência de profissionais que estejam preocupados com a saúde e o bem-estar da sociedade. Ao longo da matéria de capa descobrimos que, desde sua implantação, a cidade de São Paulo contava com pessoas que se dedicavam à atividade da assistência, de forma precária, é verdade, mas que muito contribuíram para o seu crescimento e desenvolvimento. Um pouco da nossa história, que esperamos ser apreciada por todos.

Boa leitura.

Ruth Miranda
presidente

Índice

ciência e tecnologia A nova face da medicina	01
mercado de trabalho Enfermagem da competência	02
entrevista O desenvolvimento da enfermagem em São Paulo e no Brasil	04
capa Enfermagem, 450 anos.	06
especial Enfermagem a imagem e a mensagem	12
destaque Gestão de educação continuada	16
artigo - Heródoto Barbeiro Corra pra central	19
Notas	18
Cursos e Eventos	20
Últimas Notícias	24
Cartas	25

A nova

FACE DA MEDICINA

Transplantar rosto já é possível, mas tem implicações éticas, médicas e psicológicas controversas

Há algum tempo, fazer uma cirurgia plástica era motivo de preconceito ou estranhamento. Hoje, a aceitação é certamente maior, mas algumas intervenções ainda estimulam comentários maldosos, como o uso de **próteses de silicone** ou a eliminação “radical” de rugas faciais.

Qual seria, então, a reação das pessoas diante da possibilidade de “mudar” o rosto completamente, por meio de um transplante? O assunto, tratado no filme *A Outra Face* (1997), estrelado por John Travolta e Nicolas Cage, deixou a ficção e entrou para os debates médicos em 2002, quando o cirurgião plástico britânico Peter Butler anunciou que a medicina havia progredido até o ponto de tornar possível o **transplante facial**.

Desde então, três equipes tencionam realizar a primeira cirurgia: a liderada pelo próprio Butler, do Royal Free Hospital, de Londres; a equipe do Dr. John Baker, da Universidade de Louisiana (EUA); e a do Dr. Laurent Lantieri, do Hospital Henri-Mondor, em Créteil, nos arredores de Paris.

Em novembro de 2003, o Royal College of Surgeons, respeitada entidade médica da Inglaterra, emitiu um parecer em que reafirma a viabilidade técnica da cirurgia, mas, por enquanto, não a recomenda “já que os riscos físicos e psicológicos superam os possíveis benefícios”. Decisão semelhante, em março deste ano, teve o Comitê Consultivo Nacional de Ética (CCNE) da França, que, em resposta a um pedido de autorização impetrado pelo Dr. Lantieri, mostrou-se contrário à cirurgia “enquanto não se dispuser de elementos que permitam apreciar de forma precisa os riscos”.



Para o procedimento, o doador recém-falecido fornece pele, músculos, lábios, nariz, orelhas e vasos sanguíneos para o paciente, que deve abrir mão de seus músculos, pele e gordura subcutânea. O novo rosto, entretanto, não será o mesmo do doador, pois o que modela as feições é a estrutura óssea. O transplante pode atender pessoas com o rosto desfigurado por problemas como câncer, queimaduras e acidentes. Os tratamentos atuais, com enxertos, têm resultado estético pobre e comprometem as expressões da face. Nem tudo, porém, são rosas. Além das evidentes preocupações éticas e psicológicas, existe a possibilidade de altos índices de rejeição, o que implica o uso de imunossuppressores fortíssimos por toda a vida, com graves efeitos colaterais. Além disso, a tarefa de reconstruir a integração entre pele, músculos e nervos é muito complexa. Enquanto não se chega a um consenso, o tema inspira novelas, como a recém-produzida *Metamorphoses*, da Rede Record, para a qual foi feita uma cirurgia plástica real em cena. ●

João Marinho

Que funções o enfermeiro está capacitado a desempenhar? Quais os “limites” da profissão? Muitos recém-formados e até enfermeiros que já atuam há algum tempo fazem essas perguntas. Profissionais com diferentes experiências foram quase unânimes em dizer que a enfermagem tem um importante lado de assistência direta ao doente, mas que existem muitas outras oportunidades a serem exploradas.

ENFERMAGEM da **Competência**

Duas ousadas mulheres provam que enfermeiros podem ser diretores técnicos de hospitais

João Marinho

Exemplos de pioneiros que se lançam em novos campos são as enfermeiras **Rosane Zibordi de Almeida Cavalcanti**, do Hospital Geral de Assis, interior de São Paulo, e **Aglae Neri Gambirasio**, do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha, zona norte da capital. No Estado, elas são as duas únicas enfermeiras que exercem a função de diretoras técnicas. Formada há 22 anos pela Faculdade de Enfermagem São José, Rosane Cavalcanti tem especialização em obstetrícia e é pós-graduada em Administração Hospitalar e Serviços de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas (SP). Assistiu pacientes internados por 10 anos, foi supervisora de enfermagem e acabou por se envolver na rede municipal de saúde. “Comecei a ver que eu podia e devia analisar todo o sistema”, explica. Voltou ao hospital, tornou-se assistente técnico de direção e chegou a diretora depois da saída do antigo titular do cargo, que a indicou. Aglae Gambirasio tem 24 anos de profissão. Formou-se pela PUC-Campinas, é enfermeira médico-cirúrgica pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), tem pós-graduação em Administração de Serviços de Saúde também pela FGV-SP e em Administração de Recursos Humanos pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado).

Desde que ingressou no serviço público, manteve um crescimento contínuo. Começou como enfermeira de UBS (Unidade Básica de Saúde), passou pelos Recursos Humanos, chegou a diretora de distrito de saúde, diretora de apoio técnico e, por fim, foi convidada pelo ex-secretário estadual da Saúde, José da Silva Guedes, a ser diretora técnica do Hospital de Vila Nova Cachoeirinha, cargo que foi mantido pelo atual secretário, Luís Roberto Barradas Barata. Antes de Rosane e Aglae, a direção técnica de hospitais em São Paulo era exercida exclusivamente por profissionais de medicina.

defender interesses próprios, **“você conquista o respeito”**, declara Rosane. “No início, tivemos alguns questionamentos por parte de um pequeno grupo de médicos, mas, com o passar do tempo, ele deixou de existir [...] O Conselho de Saúde do hospital recebeu a mim e minha equipe de forma bastante calorosa”, diz Aglae. **E o que faz um diretor técnico?** Define os objetivos do trabalho institucional e determina as prioridades e as diretrizes de saúde do hospital. “Desempenho funções de gerência e coordenação das equipes [...], planejamento de novas ações, articulações externas com outros recursos da comunidade, atividades burocráticas...”, diz novamente Aglae.



“A resolução 1627/2001 do Conselho Federal de Medicina afirma que apenas médicos podem exercer a função de diretores técnicos, mas ela é válida somente para os profissionais filiados ao CFM. Há também um Projeto de Lei no Congresso, o PL 025/02, no mesmo sentido, mas ele ainda está em discussão”, esclarece Cláudio Alves Porto, da fiscalização do COREN-SP. “Rosane e Aglae, porém, são as provas práticas de que os **enfermeiros são competentes para assumir essas funções**”, conclui.

A polêmica com os médicos surtiu efeitos no cotidiano das enfermeiras, mas a competência realmente falou mais alto. “Há quem ainda pense que, para administrar hospital, tem de ser médico, mas, em geral, o que sinto é que, quando você dá resposta às demandas e age com segurança e determinação perseguindo um objetivo institucional sem

“Tenho de atuar como um maestro, fazer com que todos exerçam suas funções para que a sinfonia saia”, explica Rosane, ao dizer que sua função deve garantir a assistência ao paciente internado e o funcionamento dos ambulatórios.

A experiência das duas enfermeiras demonstra que, com estudo, boa formação, eficiência e um pouco de ousadia, é possível ao profissional de enfermagem viajar por “mares nunca dantes navegados” – e elas dão as dicas para os cursos e para os jovens: trabalhar mais áreas que tratam de relações humanas e disciplinas como sociologia, comunicação e marketing e, acima de tudo, não ter medo do novo. Aglae cita uma máxima atribuída a Mário Covas: **“Diante de um desafio, só temos uma alternativa: enfrentar”**.

O desenvolvimento da ENFERMAGEM em São Paulo e no Brasil

Apesar da função de um conselho de classe ser primordialmente a fiscalização, o COREN-SP tem investido também no aprimoramento profissional, buscando a excelência na enfermagem



Ruth Miranda, enfermeira do Trabalho e em Saúde Pública. Atualmente preside o Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo e está na presidência da ANENT e da ABESE .



Ilustração: Alvaro Guillermo

Ruth Miranda é conhecida dos profissionais de enfermagem em São Paulo. Atual presidente do COREN-SP, formou-se enfermeira com habilitação em saúde pública em 1973 pela Escola de Enfermagem da USP (Universidade de São Paulo), mas teve contato com a área desde cedo: trabalhou como escriturária na 1ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas, em 1965, e sua falecida irmã, Lila Camargo, também era enfermeira. Com 30 anos de carreira completados em 2003, concedeu a entrevista abaixo, ressaltando a evolução que viu acontecer ao longo de todo esse tempo.

RC - Quais as principais mudanças na profissão testemunhadas pela senhora nos últimos 30 anos?

A principal mudança foi também a principal conquista: a Lei 7.498/86 que regulamentou o exercício profissional de enfermagem. Também foi um marco a Lei 5.905/73 que criou os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e representou o reconhecimento oficial da enfermagem enquanto categoria profissional organizada. Mais recentemente, destaco a crescente profissionalização dos antigos atendentes de enfermagem e a perda da postura submissa do enfermeiro.

RC - Quais são as principais demandas do profissional hoje em dia?

Entre as questões ainda não solucionadas, há a falta de legislação que defina jornada de trabalho e piso salarial para a categoria. Muitos acreditam que tais definições cabem ao COREN-SP, mas são questões sindicais sobre as quais legalmente não temos influência. Na área educacional, há dificuldades para o profissional manter-se atualizado, aprimorar-se, especializar-se, seguir uma pós-graduação. Ainda é pequeno o número de Mestres e Doutores na profissão. A questão financeira ainda é um fator impeditivo para muitos, mesmo para a participação em eventos científicos ou cursos de curta duração.

RC – Apesar de não ser obrigação legal do Conselho, este tem feito algo para atender essas demandas?

Nos últimos anos oferecemos aos profissionais de nível médio um programa de reciclagem, o “**Qualidade com Responsabilidade**” e também realizamos cursos sobre a Sistematização da Assistência de

Enfermagem. Em breve abordaremos os serviços de Educação Continuada visando mostrar ao enfermeiro do setor que é possível expandir seu campo de ação, podendo representar um grande avanço em termos de oferta de novos conhecimentos aos profissionais dentro da instituição.

RC - A senhora acha que a visibilidade social da enfermagem evoluiu ao longo dos anos?

Se tomarmos como ponto de partida São Paulo e no Brasil do início do século XX, podemos dizer que, visibilidade, sim, mas não reconhecimento. Embora saiba que existe a enfermagem, a sociedade não sabe identificar quem é quem, o que fazemos e qual a importância da presença de nossos profissionais para a prestação da assistência à saúde. É um ponto ainda obscuro, que exige trabalho não apenas das entidades voltadas para a profissão, mas de cada um dos profissionais em campo.

RC - Mas o COREN-SP não tem promovido a visibilidade e a interação pública?

Temos procurado mostrar para a população quem são os profissionais de enfermagem, suas competências, habilidades e o papel vital que desempenham nos serviços e políticas públicas de saúde do país. Temos realizado campanhas para o público externo por ocasião das últimas Semanas de Enfermagem: além de outdoors, realizamos a distribuição de folhetos nos principais pedágios das concessionárias de rodovias do Estado, divulgamos comerciais de TV e distribuimos material à imprensa – mas repito - de nada adiantarão nossos esforços se o profissional não fizer a sua parte.

RC – A sociedade de hoje é marcada por problemas sociais e episódios de violência, ao mesmo tempo que evoca os direitos humanos e tem a informação como palavra de ordem. Qual o papel da enfermagem nesse contexto?

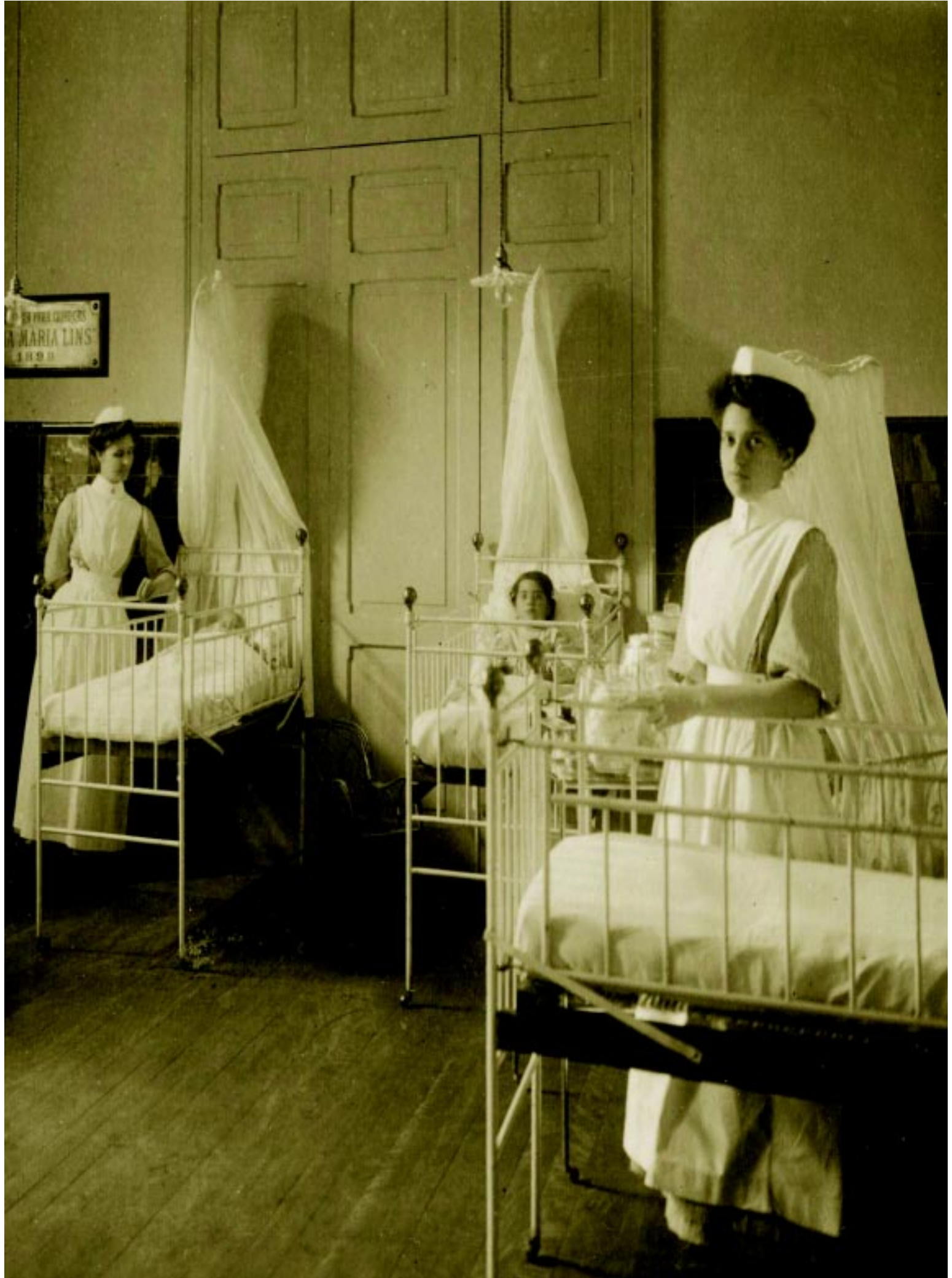
Quero mencionar o principal tema de campanha do Conselho Internacional de Enfermeiros, que acredita que o papel mais importante que temos hoje é ao lado daqueles que mais necessitam, pouco têm acesso ao sistema de saúde e estão à margem da sociedade. Nosso papel é social; humano, mas não cabe aqui o conceito estereotipado de doação. Enfermagem não é doar, mas somar; acrescentar à comunidade capacidade, competência e conhecimento para que ela possa contar com uma assistência digna.

RC. Para finalizar, como a senhora vislumbra o futuro da profissão?

Vejo um futuro promissor. Já é possível notar um discreto aumento no número de enfermeiros que buscam a especialização; os cursos de complementação para técnico de enfermagem têm atraído o interesse de auxiliares de enfermagem com muitos anos de formados. Esse desejo de aperfeiçoamento deverá crescer e produzir no futuro reflexos significativos no mercado de trabalho e nos salários. Nos próximos anos, a enfermagem crescerá. Com isso ganhamos nós, profissionais e a população atendida com qualidade. 🌟

(O programa Qualidade com Responsabilidade reciclou, gratuitamente, cerca de 80 mil profissionais em todo o Estado de São Paulo)

EN FAVOR DE LOS
A MARIA LINS
1911



ENFERMAGEM

Por João Marinho

450 anos

Saiba como a enfermagem ajudou a construir a maior cidade do País

Com mais de 10 milhões de habitantes, São Paulo é hoje a maior cidade da América Latina. Fica até difícil acreditar que, em 1872, a população beirava apenas os 30 mil habitantes, enquanto o Rio de Janeiro tinha cerca de 275 mil. A cidade, porém, pagou o preço pelo crescimento acelerado: o caos, que se reflete em inúmeros problemas que afligem os paulistanos. Em meio a tudo isso, como terá sido o desenvolvimento da enfermagem na metrópole?

Traçando um paralelo com os 450 anos de São Paulo e em homenagem ao Dia do Enfermeiro, é o que abordaremos nas linhas a seguir. Boa leitura!



1

foto arquivo



2

Um ato de fé

Apesar da escassez de dados sobre a saúde na história mais remota de São Paulo, é possível perceber que, desde cedo, o ato de cuidar dos doentes estava presente na sociedade, na forma de assistência religiosa. Coube aos padres e freiras católicas o início do que seria a enfermagem no Brasil: o primeiro hospital do País foi a Santa Casa da Misericórdia de Santos, fundada em 1543. A Santa Casa da capital seria inaugurada em 1560, mas anotações de pacientes tratados em 1554, no Pátio do Colégio, já apontavam uma forte atuação dos religiosos. Um dos destaques foi o Padre José de Anchieta, que desempenhava as funções de médico e enfermeiro. Supõe-se que os jesuítas treinavam pessoas e supervisionavam seu serviço, e o trabalho dos escravos, que ajudavam os religiosos, era muito relevante. Ao longo do tempo, o papel feminino mostrou-se um dos pilares da futura profissão. As congregações escolhiam as irmãs que deviam se dedicar aos enfermos. As mais experientes ensinavam as mais jovens e a tradição se mantinha, a não ser quando clínicos improvisavam cursos de enfermagem que, na verdade, ensinavam procedimentos médicos. De qualquer forma, por séculos, a enfermagem manteve-se pouco científica, estendendo-se, inclusive, aos lares, por intermédio de senhoras de família e de seus escravos. O lado humano sobrepunha-se ao técnico, e bastava haver carinho e dedicação ao paciente. A influência religiosa, que, mais tarde, contou com a colaboração dos protestantes, seria sentida até a década de 50 (já no século XX), quando 526 hospitais do País, dos 1.235 existentes, ainda pertenciam a congregações religiosas. Hoje, a participação é mais modesta, mas esses hospitais mantêm um importante papel no Brasil e em São Paulo.

Finalmente profissionais

Pouca coisa mudou até o século XIX, e a enfermagem sequer era mencionada nos registros. Entretanto, alguns anos depois da inauguração da Bottica ao Veado d'Ouro, em 1882 – estabelecimento fundado pelo farmacêutico prussiano Henrique Schaumann –, um censo realizado pela recém-criada Repartição de Estatística e Arquivo incluiu, pela primeira vez, a enfermagem entre as profissões existentes na cidade. A São Paulo de então contava com 413 profissionais entre médicos, farmacêuticos, parteiras, dentistas e enfermeiros, mas apenas na profissão de parteira foi assinalada a presença da mulher.

Entre o final do século XIX e início do século XX, surgem as primeiras escolas de enfermagem. São feitas várias e espaçadas tentativas, como a que originou a Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto, em 1890, no Rio de Janeiro.

Nessa época, em São Paulo, a Santa Casa atendia apenas pacientes católicos, e, naquele mesmo ano, um tratamento marcaria a história da enfermagem na cidade: José Pereira Achao, um imigrante inglês presbiteriano, teve problemas de saúde e precisou se converter ao catolicismo para ser tratado pela Santa Casa.

Indignado, Achao, ao retornar à Inglaterra, deixou sua herança para a construção de uma instituição que atendesse a qualquer paciente. Em 25 de janeiro de 1894, surgia o primeiro hospital privado de São Paulo, o Hospital Samaritano.



4

foto arquivo pessoal



5



Foto Hospital Samaritano

3

Localizado no bairro de Higienópolis, o Samaritano inovou quando, em 1895, contratou na Inglaterra a enfermeira-chefe Lillian Less, que se encarregou de organizar e dirigir os serviços de enfermagem dos diversos setores. Lillian foi auxiliada por enfermeiras vindas de outros países e mudou o aspecto meramente caridoso associado ao ofício.

A profissionalização prosseguiria mais intensamente. Em 1923, o Rio de Janeiro inaugurou a Escola Anna Nery, considerada padrão pelo Ministério da Saúde. Três anos depois, é fundada a Associação de Enfermeiras Diplomadas (ABED), hoje Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

Em 1939, surge a Escola Paulista de Enfermagem, considerada a primeira escola da capital, fundada pelas Franciscanas Missionárias de Maria.

A Paulista foi também a primeira escola a oferecer, muitos anos depois, os cursos de pós-Graduação em Enfermagem Obstétrica. Em 1942, com a colaboração da Fundação de Serviços de Saúde Pública (FSESP), surge a Escola de Enfermagem da USP (Universidade de São Paulo).

O grande problema dos primeiros profissionais formados foi justamente “concorrer” com as pessoas sem especialização, entre as quais se destacavam as damas de companhia, que geralmente cuidavam de suas patroas até o fim da vida, e as parteiras, que muitas vezes eram consultadas como “curandeiras”.



6

Fotos a o lado:

Foto 1 - Retrato do atendimento oferecido no início do século XX.

Foto 2 - Berçário Dona Maria Lins, 1898.

Foto 3 - Enfermeiras em momento de confraternização (Hospital Samaritano).

Fotos abaixo:

Foto 4 - Entrada da Universidade de São Paulo, 1952.

Foto 5 - 7ª turma de Voluntárias, 1954.

Foto 6 - Turma de Enfermagem da USP, 1954.

Foto 7 - Pátio do Colégio, em 1817, reprodução de Thomas Ender.



era da regulamentação

Isso, porém, não impediu que em 1955 fosse promulgada a Lei nº 2604, que regulava o exercício da enfermagem profissional e reconhecia como membros da equipe enfermeiros, obstetrias, auxiliares de enfermagem, enfermeiras práticas ou práticas de enfermagem, parteiras e parteiras práticas. Já defasada para a realidade da enfermagem, a Lei 2.604/55 não conseguiu ordenar o crescimento e o exercício da profissão. A maior parte da mão-de-obra ficou com os atendentes. Mesmo assim, ela permaneceu em vigor até a década de 80.

Em 1962, com o Parecer nº 271 do CFE (Conselho Federal de Educação), a função de enfermeiro passa, finalmente, ao nível de ensino superior e, no decorrer da década, surge o técnico de enfermagem. Seis anos depois, a Lei nº 5540 institui a Reforma Universitária. Como resultado, aparecem os cursos de pós-graduação em enfermagem. O primeiro nasce na Escola Anna Nery, em 1972.

Nesse mesmo ano, é aprovado, pela Resolução nº 4/72 do CFE, o Parecer nº 163 da Comissão de Revisão dos Currículos, que deu aos enfermeiros a possibilidade de se habilitar em um dos três ramos específicos então existente na enfermagem: obstétrico, médico-cirúrgico e saúde pública. Finalmente, em 1973, a Lei 5.905 cria os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem, com a função de disciplinar o exercício das profissões de enfermagem. Em 1986, a Lei nº 7.498, posteriormente alterada pela Lei 8.967/94, reconhece e regulamenta quatro funções: auxiliar, técnico, enfermeiro e parteira.



7

Quantos somos?

Segundo pesquisas recentes, os profissionais de enfermagem no município de São Paulo chegam a quase 130 mil, divididos em 37 especializações. No Estado, são mais de **261.414 mil** profissionais de enfermagem (dados do COREN-SP).

Segundo o COFEN a enfermagem conta hoje com cerca de **725 mil profissionais**, sendo 102.213 enfermeiros, 161.418 técnicos e 459.838 auxiliares de enfermagem.

Apesar da expressividade, há três vezes menos **enfermeiros** do que médicos no País.

Em nações desenvolvidas, o contingente de enfermeiros é, em média, cinco vezes maior que o de médicos.

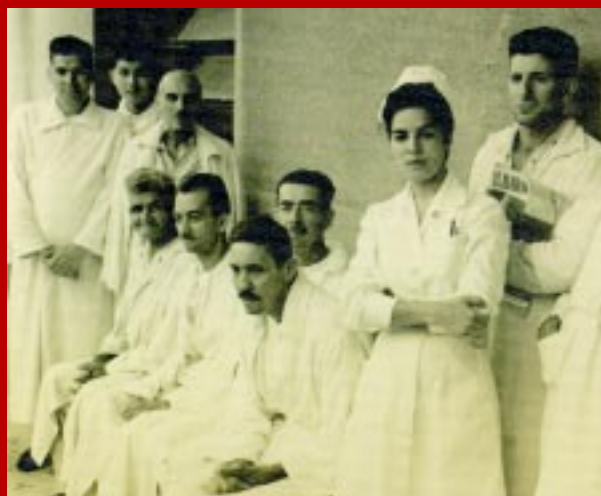


Foto arquivo pessoal

Uma história de sucesso

Se São Paulo hoje tem uma das melhores assistências de enfermagem, devemos isso aos pioneiros da profissão, que romperam preconceitos e trabalharam dignamente com recursos escassos.

“Havia dificuldade de acesso [...] Tínhamos de nos dividir muito, e isso complicava a nossa atuação”, recorda a enfermeira Rita Gonzaga Nunes, que trabalha no Posto de Saúde Dr. Osvaldo Marçal, na Vila Albertina, zona norte de São Paulo. Rita tem 24 anos de profissão e iniciou a carreira em áreas carentes da zona leste. *“O que tinha de bom era que a maior parte das pessoas ia para a enfermagem por vocação [...] Hoje muitos cursos são voltados para quem não tem outra alternativa profissional, e o único caminho nunca é o ideal”,* avalia.

As dificuldades, porém, estimulam o aprendizado e até mesmo evocam a atuação do profissional. *“Foi nesta cidade que aprendi a ser enfermeiro”,* argumenta Luiz Augusto Ubirajara Santos. *“Posso contribuir para uma cidade mais humana e, até onde posso, na diminuição do estresse de uma metrópole”,* declara a enfermeira Graziela Maragni. *“A evolução que ocorreu na cidade foi acompanhada pela enfermagem”,* conclui a também enfermeira Arlete Giovani.



30 mil habitantes em São Paulo	fundado o primeiro hospital do País a Santa Casa da Misericórdia de Santos.	Inauguração da Santa Casa de São Paulo	Inauguração da Botica ao Vesado d'Ouro.	surge o primeiro hospital privado de São Paulo Hospital Samaritano.	fundação de ABED Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras	surge a Escola Paulista de Enfermagem, a primeira escola da capital.	surge a Escola de Enfermagem da USP Universidade de São Paulo.	promulgada a Lei nº 2604 que regulava o exercício da enfermagem profissional	a função de enfermeiro passa, ao nível de ensino superior.	Lei 5.905 cria os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem.	Inauguração do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo.	No Brasil havia mais de 90 mil enfermeiros 10,2 mil técnicos 448 mil auxiliares de enfermagem.
1872	1543	1560	1882	1894	1926	1939	1942	1955	1962	1973	1975	2000

Em comum com o passado, prevalece o amor pela vida. “Estou com 90 anos e me interesso pela enfermagem até hoje, porque a vida humana tem muito valor”, diz Yolanda Lindenberg Lima, ex-presidente do COREN-SP. Para a Irmã Maria Notarnicola, religiosa e enfermeira há 58 anos, “o melhor da enfermagem é cuidar do ser humano”.



futuro profissional

O cuidar dos necessitados permanece como combustível da profissão, mas esse enfoque, que, muitas vezes, ocorre em detrimento de outras temáticas, também é alvo de críticas. “Há um compromisso, e o paciente que é carente vai exigir muito mais atenção [...] Você sente que o seu papel é também social”, afirma novamente Rita Gonzaga, para quem a profissão possui um aspecto sócio-político pouco explorado. “Existe uma falha. O enfoque é no cuidado e na assistência, mas deixa-se de falar no gerenciamento da unidade e dos custos, que são coisas de que as instituições precisam cada vez mais”, avalia Denise Cavallini Alvarenga, gerente do serviço de enfermagem do Hospital Samaritano de São Paulo, 21 anos de profissão. “Inovar e ousar são verbos de conjugação obrigatória”, diz a Profa. Dra. Victoria Secaf, docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São

Paulo, para quem a profissão também sofre de uma certa timidez. “Ainda somos relativamente caladas [...] É preciso uma manifestação maior em relação ao grande público”. E qual seria o caminho a seguir? A resposta dos entrevistados foi uma só: tecnologia e atualização constante, que passa pela conquista de novas funções.

“Em alguns hospitais, há computadores não apenas no posto de enfermagem, mas também no corredor. [...] Isso é tecnologia. Então, é preciso que haja enfermeiros que lidem com os computadores”, diz Victória Secaf, ressaltando a importância da informática. Ela também enfatiza a importância de haver mais enfermeiros na pesquisa científica: “As enfermeiras têm relatos de experiências que poderiam transformar em texto escrito para orientar outras ou fazer pesquisa sobre determinados trabalhos”.

Não pára por aí. Denise Cavallini menciona o advento das cirurgias laparoscópicas, que requerem incisões mínimas: “A cirurgia laparoscópica reduz o tempo de cirurgia, mas requer um conhecimento muito maior dos equipamentos utilizados. Antes, o procedimento era mais padronizado. Atualmente há uma infinidade de equipamentos”. “Hoje ‘ninguém é nada’, você é reconhecido pelo que sabe [...] Digo que os profissionais se reciclem, busquem conhecimentos para serem reconhecidos enquanto tais”, finaliza. ●

Fontes: COREN-SP (www.corensp.org.br); Luís Cláudio da R. Fraga e Rita de Cássia P. de Matos - “Resgatando a história da enfermagem obstétrica no Brasil”; Folha de São Paulo - Aureliano Biancarelli; Gilberto Linhares - “Chame o Enfermeiro”; Aureliano Leite - “História da civilização paulista”; Maria Luiza Marcílio - “A cidade de São Paulo”; Edna Rodrigues e Victória Secaf - “Religiosas brasileiras e entidades de classe: atuação na Associação Brasileira de Enfermagem”; Oswaldo Luiz Ramos - “Ciência e tecnologia no Brasil: uma nova política para um mundo global – Área da Saúde”; Ministério da Saúde - “Anuário Estatístico de Saúde no Brasil”. **Agradecimento:** Assessoria de Imprensa do Hospital Samaritano de São Paulo.

ENFERMAGEM

a imagem e a mensagem



“

A imagem ideal pode, sim, refletir uma realidade. Mas a imagem atual, aquela que transmite ao mundo a mensagem ao mesmo tempo subjetiva e objetiva sobre quem somos e o que fazemos, não é ainda motivo de orgulho.

”

Nos últimos anos, durante as comemorações da Semana Nacional de Enfermagem, o COREN-SP direcionou seu esforço para a conscientização da população sobre quem são, o que fazem e qual a importância dos profissionais de enfermagem como componentes de um amplo sistema de prestação de serviços e assistência à saúde. Belas campanhas, *outdoors*, folhetos e filmes publicitários enfatizando a preocupação com a humanização e o alto nível técnico do cuidar moderno. Belíssimas campanhas, de fato. Esquecemos, porém, de um detalhe: avisar os personagens principais deste enredo – enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem – qual o seu roteiro, qual o papel que deveriam desempenhar, qual personagem deveriam incorporar. Ingenuamente acreditamos que não era preciso dizer ao profissional o que se espera dele em termos de capacidade técnica, científica e de postura.

Imaginamos mesmo que, em o fazendo, ofenderíamos a muitos (tal como, possivelmente, poderemos estar ofendendo neste momento). Erramos. Esquecemos que, antes de profissionais, somos todos humanos e como humanos nos comportamos, expondo defeitos, qualidades, habilidades, inépcias, comportamentos adequados ou não e que tanto podem valorizar como minar na base qualquer campanha de valorização profissional. Trocando em miúdos: o que nós pregamos em campanhas anteriores corresponde a uma imagem idealizada da enfermagem. No mundo real, ainda temos um longo caminho a percorrer até atingirmos algo próximo a este ideal, que acredito ser

de todos aqueles que fazem a profissão. A imagem ideal pode, sim, refletir uma realidade. Mas a imagem atual, aquela que transmite ao mundo a mensagem ao mesmo tempo subjetiva e objetiva sobre quem somos e o que fazemos, não é ainda motivo de orgulho.

Equação

Minhas palavras não têm qualquer pretensão de se apresentar como a verdade sobre a imagem da enfermagem, visto que, para tal proeza deveria eu ser versada nos temas das ciências do comportamento humano, na psicologia, na sociologia, na antropologia. Humildemente, reconheço que minhas reflexões são não muito mais do que isso: percepções baseadas não em estudos científicos, mas no saber sensível decorrente da vivência tão próxima dos diversos setores da profissão que tenho experimentado nos últimos anos. Meros “achismos”, talvez. Mas, certamente, genuínas formas de expressão de um sentimento e a necessidade de convidar os colegas a uma reflexão sobre o assunto. Estou certa de que você tem a sua própria imagem sobre a profissão. E sou quase capaz de apostar que ela não é das mais positivas. Mas por que é tão importante

discutirmos sobre a imagem profissional da enfermagem? Não seria algo um tanto fútil, quando temos tantos tópicos técnicos e científicos a debater? Tranqüilamente posso afirmar que não. É uma equação bastante simples a da importância de se estruturar uma imagem:

$$\text{Enfermagem} + \text{imagem} = \text{mensagem}$$

Temos a nossa profissão, o nosso conhecimento técnico-científico, as nossas habilidades. Nosso saber, aliado ao nosso ser e agir (imagem), dizem muito sobre nós. Transmitem uma mensagem silenciosa a quem nos vê.

E a maioria daqueles que nos enxerga possuem pouco ou nenhum parâmetro para nos conceituar através de nosso saber. Resta a estes julgar-nos por nossa imagem. E está será tão positiva ou negativa quanto positivo ou negativo for o nosso ser e o nosso agir ao olhos de quem nos observa. Estes que nos vêem reagem à imagem de alguma forma, e essa reação invariavelmente nos afeta – seja através da ausência ou presença de respeito, reconhecimento, consideração, valorização.

Eis a importância de se construir uma imagem.

“
 E é possível ir
 muito além na
 mudança de
 atitudes do dia
 a dia: não
 vibrar com o
 erro do colega,
 desejando
 sobressair-se
 ao apontar o
 dedo para a
 falha do outro

”

Uma imagem, uma cabeça, um corpo.

Desunião. Displacência. Arrogância. Incompetência. Humanidade. Carinho. Atenção. Submissão. Omissão. Estes conceitos já foram proferidos a respeito da enfermagem por categorias outras da saúde, pacientes e até por nós mesmos. A força com que cada um destes defeitos/qualidades são percebidos depende da frequência com que são observados e do número de profissionais que provocam, por um fazer ou deixar de fazer específicos, estas percepções. Somos julgados não apenas pelo que cada um de nós mostra, mas pelo que todos os colegas a nossa volta apresentam à sociedade o ser profissional de enfermagem. A imagem do corpo, seja ela positiva ou não, acaba por ser determinada pela imagem de um único membro. Ao tomarmos consciência deste fato, compreendemos num sentido menos antipático o termo corporativismo. Em termos de construção de imagem profissional, se nos preocuparmos em agir, pensar e nos comportarmos como um só corpo e uma só cabeça, a percepção do outro sobre nós tende a ser algo mais próximo da uniformidade. Adotada esta posição, a questão agora é outra: Qual a imagem que queremos projetar para este corpo? Como construir esta imagem?

Competência e muito mais

Construir conhecimento e impor-se pela capacidade e competência. Caminho correto para quem busca a excelência na profissão, mas lamentavelmente parece não ser o suficiente para construir imagem e boa reputação para uma profissão. Cruel e injusto, mas ser bom parece não ser o bastante. Nossas boas obras não falam por nós. Passam ignoradas; apenas o cumprimento de uma obrigação. A construção da imagem passa pelo fazer e pelo falar sobre o fazer. Realizar e mostrar a realização. Pesquisar e divulgar os resultados. Incentivar, defender e elogiar o trabalho de colegas publicamente. Valorizar o feito do outro – ou, pelo menos, não depreciá-lo ou diminuí-lo perante os colegas da nossa e das demais profissões. E é possível ir muito além na mudança de atitudes do dia a dia: não vibrar com o erro do colega, desejando sobressair-se ao apontar o dedo para a falha do outro. Antes, conversar, debater, orientar é a atitude que elevará, ao invés de rebaixar a profissão. Divergir é saudável, mas civilizadamente, educadamente e, principalmente, com argumentos tangíveis. Tratar o colega de enfermagem com o mesmo respeito que dedicamos aos colegas das demais profissões seria um grande avanço em termos de mudança positiva de nossa imagem. Nunca consegui compreender o porquê, mas parece que a enfermagem trata com mais delicadeza e

educação aos outros do que aos seus próprios. Postura, atitude, comportamento, discurso, além, certamente, de eficiência, perícia, prudência, conhecimento e competência. Segundo nossa percepção, são os ingredientes que constroem a imagem de uma profissão e que provocam reações em nosso meio profissional e na sociedade na qual estamos inseridos.

Despertar para um novo modo de ser

A imagem que uma pessoa possui de algo ou alguém é a percepção daquela pessoa acerca da realidade, que pode ou não corresponder à verdade. Pense nas personalidades, empresas ou produtos sobre as quais você tem uma sentimento/idéia formada, embora as conheça apenas pela televisão, jornais ou peças publicitárias. A imagem é a única referência que possuímos quando não conhecemos, ainda que em pouca profundidade, o objeto. Uma imagem pode construir e destruir pessoas e conceitos e categorias profissionais.

Hoje, mais do que nunca, precisamos discutir e debater esta questão, buscando o despertar de uma consciência sobre o que somos, para que e para quem somos. O primeiro passo para construirmos uma imagem respeitada, valorizada e reconhecida, damos quando passamos a ter plena consciência do nosso espaço, da realidade e do tempo em que vivemos. O profissional de enfermagem precisa urgentemente compreender que a imagem não pode ser nosso “calcanhar de Aquiles”; nosso ponto mais vulnerável. Deixando de construir uma imagem positiva, a enfermagem perde, quando observamos, por exemplo, outras profissões da área de saúde avançando e se impondo sobre o que é nosso, como ocorre quando vemos um Fisioterapeuta prescrevendo mudança de decúbito ao paciente acamado, ou ainda, quando permanecemos impassíveis ao vermos o médico vetando ao enfermeiro realizar a prescrição de enfermagem ou vermos um profissional permanecendo omissos e passivos diante de ilícitos ético-profissionais. Caso contrário, somente restará a todos nós, profissionais de Enfermagem, continuarmos a lamentar o desrespeito, a desvalorização e conseqüentemente, o desemprego. Lembremos, todos nós, que hoje o respeito não se conquista mais por “decreto”, e sim pela soma de conhecimento, competência, conduta e atitude profissional. Isso é imagem e esta é a imagem que temos de resgatar. Vamos então, aproveitar a Semana da Enfermagem para refletirmos, discutirmos a nossa imagem, uma imagem de competência e comprometimento ético-profissional e respeito a nós próprios e de uns para com os outros.

Uma ótima e feliz Semana de Enfermagem aos 260 mil profissionais do nosso Estado. ●

“

Somos julgados não apenas pelo que cada um de nós mostra, mas pelo que todos os colegas a nossa volta apresentam à sociedade o ser profissional de enfermagem

”

Gestão de EDUCAÇÃO CONTINUADA

projeto do COREN-SP para o biênio 2004 / 2005

Cláudio Porto

Nos dias atuais, o conhecimento tem se apresentado em destaque como fonte segura de vantagem competitiva. Na enfermagem, não poderia ser diferente, pois, num mercado competitivo, quem não busca entender e estender seu capital intelectual, não sobrevive.

Com base na importância do processo educacional nas empresas, e no quanto isso cria um diferencial competitivo no mercado, adveio um silogismo fundamental: as instituições de saúde também são empresas e profissionais são gestores.

No entanto, a área de educação continuada do setor de saúde ainda não privilegia esse investimento, até porque não há consolidação cultural nesse sentido. Há necessidades vigentes e conhecimentos necessários de serem adquiridos, mas como identificar um caminho que nos mostre resultados?

Primeiramente vamos entender essa qualificação pessoal como uma estrutura dividida em duas partes: **o arcabouço cognitivo do indivíduo** e suas **habilidades desenvolvidas**. A educação continuada pressupõe a continuação de uma formação iniciada nos bancos acadêmicos. Somos a ela uma visão técnica, que está focada na atividade-fim de uma organização e deve estar alinhado às metas da mesma. A organização, se vista como um organismo, produz sua própria aprendizagem disseminada através das normas, atitudes e atividades planejadas. Logo, deduzimos que se a educação continuada não é instituída numa organização, é porque esta ainda não aprendeu a importância desse movimento e, conseqüentemente, não criou cultura sobre o assunto.

O arcabouço cognitivo é uma etapa do processo de qualificação pessoal porque cada um de nós possui uma estrutura mental que produz relações e “insights” os quais, uma vez direcionados para a instituição de saúde, geram um potencial de **conhecimento organizacional** extre-



Ilustração: Alvaro Guillermo

mamente significativo. Chamamos esse conhecimento de **conhecimento tácito**. É através da capacidade de organizá-lo que uma empresa consegue ter uma cultura própria e um arsenal de casos que favoreça a solução de problemas.

A outra etapa seria das habilidades desenvolvidas, que devem estar alinhadas a uma grade de competências associadas aos cargos de uma instituição. Assim, pela análise dos clientes, podemos saber onde estamos acertando ou errando e, pela análise da concorrência, o que estamos deixando de fazer.

A gestão do conhecimento produzido nessa forma **explícita** nos remete à mensuração de desempenho pela qual avaliamos a quais percalços e riscos podem ser remetidos, agindo de forma preventiva. A prevenção, além de um agente da saúde é também um agente do processo

de conhecimento na gestão, que começa com uma educação continuada até atingir o grau de educação permanente, quando a organização começa a aprender com os conhecimentos, antes disseminado.

Com esses conceitos, fica fácil sentirmos o quanto a enfermagem ainda está distante dos objetivos a que se propõe e o quanto ainda persiste na visão acadêmica de educação continuada. Basta, para isso, vermos qual o perfil apresentado pelas várias "Comissões de Educação Continuada" em nossas instituições. São "comissões" geralmente desprovidas de uma estrutura e estratégia planejada e científica de atuação, compostas por poucos enfermeiros atuando isoladamente. Inexiste a ação preventiva, planejada e estratégica, que faça jus ao nome educação continuada. É nesse contexto que o COREN-SP pretende atuar promovendo uma mudança de atitude, de conduta e comportamento do profissional de enfermagem, movimento que foi iniciado com o processo de implementação, em todo o Estado, da Sistematização da Assistência de Enfermagem – SAE. Sabemos que ainda estamos longe de ver esse ideal ser realidade, pois nossos órgãos formadores, com raríssimas exceções, ainda estão muito aquém da real necessidade do mudar, já que o enfermeiro continua muito ausente do processo, sem conseguir assumir, de fato e de direito, sua identidade profissional. **Por isso, o COREN-SP vislumbra no processo da Educação Continuada o instrumento fundamental para consolidar essa mudança**, pois acreditamos ser a construção do conhecimento e a prática deste na rotina diária profissional a efetiva resposta que precisamos assumir. O primeiro passo é fazer com que não só um ou dois enfermeiros assumam a responsabilidade por um processo continuado de aprimoramento profissional, mas que TODOS sejam agentes, comprometidos e envolvidos. Para isso, será oferecida a todas as instituições a oportunidade de, a um custo simbólico, ter acesso ao projeto de Gestão de Educação Continuada que estamos preparando para ser realidade até junho próximo. A instituição poderá envolver TODOS os enfermeiros no processo, pelo prazo de um ano, através de um curso e-learning, com a estrutura de tutoria, monitoria e consultoria, no qual todos os enfermeiros aprenderão a gestão de um processo de Educação Continuada. Acreditamos que esse processo, associado ao que temos desenvolvido enquanto Conselho responsável pela fiscalização, orientação e disciplina do exercício profissional, seja mais um instrumento para a efetivação e consolidação do projeto de mudar a atitude e a conduta profissional, em que o respeito, a valorização e o reconhecimento sejam resultado único e final. ●

Concurso O CONTO DA ENFERMEIRA

Agora chegou a sua vez de escrever e ver o seu conto publicado.

O Conto Moderno é uma narrativa curta que expressa momentos únicos. Revela algo inesperado, uma visão de mundo surpreendente ou emocionante. Causa grande impacto no leitor e contém muita ação.

Todos já leram uma história assim, que faz rir, chorar, ou tira o fôlego.

O conto tem uma grande unidade no tempo em que é passado, no espaço onde coisas acontecem e na ação da personagem que vive o momento.

Como se inscrever

1 - Tema: a enfermagem (história direta ou indiretamente associada ao exercício da enfermagem). Sugere-se que o conto seja pautado em experiências vivenciadas no exercício da profissão, evitando-se relatos de cunho histórico; 2 - Os originais deverão conter no máximo 9.970 toques (caracteres com espaços) e, no mínimo, 7.710 toques – isto é, um máximo de 4 laudas e um mínimo de 3 laudas de 30 linhas de 82 toques –, digitados com espaço 1,5 entre linhas e em 3 vias. Em não se verificando estas especificações, o original será desclassificado automaticamente; 3 - Coloque em envelope grande com pseudônimo. Em um envelope pequeno, envie um currículo de 10 linhas, o seu nome e endereço, o título do conto e o pseudônimo que escolheu. Esta informação deverá estar lacrada e só será aberta se o conto for selecionado. Remeta para Rua Dona Veridiana, 298 - cep 01238-010 - com a identificação: CONTO DA ENFERMEIRA; 4 - O prazo para a inscrição é de 26 de abril a 9 de maio de 2004; 5 - Após o encerramento do prazo, será constituída uma comissão de três pessoas de expressão no mundo editorial, especialmente convidadas para comporem o júri; 6 - A comissão selecionará os 12 melhores contos, que serão publicados em setembro na agenda 2005; 7 - Os participantes deverão ser, obrigatoriamente, profissionais de enfermagem.

Critérios utilizados pela comissão julgadora:

1 - Os textos literários serão identificados pela inventividade e originalidade no domínio da linguagem literária do gênero; 2 - Deverão conter narrativas com unidade que revelem harmonia de forma e conteúdo; 3 - Serão observadas a coerência e coesão no encadeamento da narrativa sem que o conceito interfira na expressão da livre manifestação artística do autor.

Divulgação dos resultados

A data da divulgação dos resultados será em agosto de 2004.

A comissão julgadora é soberana e não caberão recursos sobre o resultado da seleção.

Importante: Os originais recebidos serão destruídos 30 dias após a divulgação do resultado.

A remessa de originais para o concurso implica na concordância das regras aqui especificadas.

Prêmio

Os vencedores, além de terem seus contos publicados, receberão 10 exemplares da agenda COREN-SP 2005.

Participe. Faça história, contando história.

Título Honorífico de Cidadã Paulistana

A enfermeira Ruth Miranda, presidente do COREN-SP recebeu, através do Decreto Legislativo 104 de 12 de novembro de 2003, o Título de Cidadã Paulistana. A cerimônia de entrega do título será realizada em 12 de maio, às 19 horas, na sede da Câmara Municipal de São Paulo, localizada no Viaduto Jacaré, 100 - 8º andar.

Esse soma-se ao título Honorífico de Cidadã Guarulhense, recebido em 11 de novembro 2003. Esperamos contar com a presença de todos.

Documentos Básicos de Enfermagem – 2004

Em breve os enfermeiros estarão recebendo a nova edição dos Documentos Básicos de Enfermagem, importante material de consulta para o desenvolvimento das atividades.

Corra pra Central



A Central que todo mundo conhecia em São Paulo na década de 1960 era a Central de Polícia. Estava instalada no velho casarão que a tradição atribui a Dona Maria Domitila, Marquesa de Santos, concubina do imperador Dom Pedro I e mãe de vários filhos dele. Estava situada no coração da cidade, bem no centrão, no final da rua Roberto Simonsen ao lado do Pátio do Colégio. Era um local com muita gente, uma vez que o centro da cidade era o local obrigatório de passagem para todos que queriam ir de um canto para outro. Não existiam as linhas de ônibus e bondes de bairro a bairro, salvo exceção. A maioria delas nascia e morria no centro. Além disso, os principais bancos, órgãos públicos, teatros, galerias, cinemas, restaurantes e lojas situavam-se nessa área atraindo o povo. Era um formigueiro humano entre seis da manhã até oito da noite. Nessa época dormia-se cedo. No casarão estava instalada a central de polícia e na porta paravam as rádios-patrolhas preto e brancas. A oposição já dizia na época que era o transporte preferido da corinthianada... Lá estava também o xilindró como dizia o Charutinho, personagem de Osvaldo Moles, herói das Histórias das Malocas, vivido por Adoniran Barbosa na Rádio Record. A maior. No porão ficavam presos os bêbados, batedores de carteiras, punhistas, praticantes de trottoir, alcagüetes, proxenetas e outros meliantes de pequeno calado. Nada mais grave. Os valentes iam para a Casa de Detenção na Avenida Tiradentes. Lá ficavam também todos os foliões presos nos três dias de carnaval. Eram soltos só na quarta-feira de cinzas, ao meio dia. Muitos fantasiados de mulher, palhaço, pierrô, columbina, maicojequisson, opa perdoe-me o engano, enfim uma multidão aplaudia e os jornalistas tiravam fotos para a edição da tarde dos tablóides, entre ele A Hora. Uma pequena entrada de carro separava a delegacia do atendimento médico de urgência. Pequenas suturas, uma fratura simples, um desmaio, o atendimento a um epilético, uma injeção de emergência de insulina, ou um esparadrapo para por em um

Heródoto Barbeiro é jornalista da TV Cultura e da Rádio CBN

calo, e outros pequenos atendimentos eram feitos na Central. Os casos graves eram enviados para o Hospital das Clínicas, o orgulho dos paulistas. A primeira vez que conheci a Central foi quando escapei de morrer atropelado pelo bonde salvo pelo motorneiro. A segunda foi quando precisei suturar o supercílio. Não foi luta de boxe, mas uma queda em um dormente de bonde quando andava sobre eles na Rua do Glicério, bem em frente a Igreja Nossa Senhora da Paz. Tomei uns cinco pontos, dados por um médico e amarrado em uma maca por um enfermeiro que tinha o tamanho de um guarda-roupa. Aqueles de quatro portas. Voltei para casa de cara e olhos inchados de chorar. A terceira vez foi alguns anos depois quando caí de chapa na rua e a rótula do meu joelho apareceu sem pedir licença. Lá fui eu para a Central. Desta vez cheio de coragem, sentei-me na maca estiquei a perna e fiquei assistindo heroicamente o médico suturar o corte. Desta vez nenhum enfermeiro precisou me amarrar. Acho que já tinha me acostumado com a idéia.

Confesso que tive uma boa imagem dos enfermeiros. Eles me lembravam aquele correião com o qual se prendiam os pacientes nas macas e nas cadeiras de atendimento dos ambulatórios e até mesmo centros cirúrgicos. Eles eram os que executavam entre outras tarefas, a de imobilizar o paciente. Lembro-me, aos cinco anos de idade, de ter sido submetido a uma operação de retirada das amígdalas, e advinha quem me amarrou na cadeira? Enfim, nem só de imobilizações e amarrações os enfermeiros fazem parte da minha história de criança e adolescente. Como todo adolescente que ser preza, também tive um imenso furúnculo no meu braço e lá fui eu para a enfermaria do Hospital e Maternidade Leão XIII, no Ipiranga, onde nasci. Desta vez, já adolescente, conversei com o enfermeiro que se dispôs a fazer uma simples drenagem e nada mais. Coisa simples. Confesso que depois da limpeza, ao sair do hospital não sabia para que lado era a minha casa. Nunca mais esqueci as mãos delicadas e aveludadas do simpático enfermeiro. ●

HERÓDOTO BARBEIRO

As informações sobre cursos e eventos são de inteira responsabilidade dos promotores dos mesmos

■ Cálculo de Medicação – APH

Maio e junho

Local: Rua Fernandes Vieira, 318

Belém - São Paulo - SP

Duração: não informado

Informações: (11) 4055-5612

6693-3950

■ Atualização em Anotação de Enfermagem

15 de maio de 2004

Local: Av. Vicente Leça Marechal

Tito, 1090 - São Miguel Paulista - SP

Duração de 6 horas

Informações: (11) 6131-2090

6297-2810

■ Basic Life Support

29 e 30 de maio de 2004

Local: Hospital Bandeirantes

São Paulo - SP

Duração: não informado

Informações: (11) 3721- 9333

site: www.ellusaude.com.br

■ A Enfermagem e os Cuidados na Sala de Parto

19 de junho de 2004

Local: Av. Vicente Leça Marechal

Tito, 1090 - São Miguel Paulista - SP

Duração de 6 horas

Informações: (11) 6131-2090

6297-2810

■ Suporte Básico de Vida

21 de junho de 2004

Local: UNIBAN – Rua Maria

Cândida, 1813 – Vila Guilherme – SP

Duração: 8 horas

Informações: (11) 5042-3428

www.anent.org.br

■ Perfil Profissiográfico Previdenciário - PPP

21 de junho de 2004

Local: UNIBAN – Rua Maria

Cândida, 1813 – Vila Guilherme – SP

Duração: 8 horas

Informações: (11) 5042-3428

www.anent.org.br

■ Sistematização da Assistência de Enfermagem - exame físico

22 de junho de 2004

Local: UNIBAN – Rua Maria

Cândida, 1813 – Vila Guilherme – SP

Duração: 8 horas

Informações: (11) 5042-3428

CURSOS DE APRIMORAMENTO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

- ATUALIZAÇÃO EM GERIATRIA EM GERONTOLOGIA • 17/04/04
- REVISÃO DOS PROCEDIMENTOS BASICOS DE ENFERMAGEM • 17/04, 24/04 e 08/05/04
- REVISÃO DOS PRINCIPAIS PROCEDIMENTOS DE ENF. • 24/04/04
- ASSISTÊNCIA DE ENF. AO PACIENTE COM DISTÚRBIOS NEUROLÓGICOS • 27/04/04
- UTI PEDIÁTRICA • 08/05/04

- FERIDAS E CURATIVOS • 15/05/04
- PROCEDIMENTOS ESPECIALIZADOS DE ENF. EM SONDAS, DRENOS E CATETERES • 15/05, 22/05 e 29/05/04
- HEMODIÁLISE E DIÁLISE • 22/05/04
- ATUALIZAÇÃO EM MOLESTIAS INFECCIOSAS • 29/05/04
- AUXILIAR DE ENFERMAGEM
- TÉCNICO DE ENFERMAGEM
- *Início em maio*

INFORMAÇÕES

(11) 3253-7665 / 3253-5048

www.intesp.com.br

R. Treze de Maio, 1663 - Bela Vista - São Paulo



ESPECIALIZAÇÕES

ENFERMAGEM DO TRABALHO
ENF. TRAUMA / ORTOPEDIA / GESSO
ENFERMAGEM EM ATENDIMENTO PRÉ HOSP.

CURSOS E EVENTOS

■ **I Congresso Internacional de Medicina, Educação e Saúde do Aparelho Locomotor e Curso de Enfermagem Ortopédica**
27 e 29 de maio de 2004
Local: Hotel Pestana – Salvador – BA
Informações: (71) 341-3024
www.portte.com.br

■ **V Congresso Brasileiro de Estomoterapia**
16 a 20 de maio de 2004
Local: Centro Internacional de Eventos – Florianópolis – SC
Informações: (11) 5081-7718
www.woctherapy-cet2004.com.br

■ **II Congresso Internacional de Enfermagem do Trabalho**
23 a 25 de junho de 2004
Das 8h30 às 17h30
Local: UNIBAN – Rua Maria Cândida, 1813
Vila Guilherme – SP
Informações: (11) 5042-3428
www.anent.org.br

■ **III Fórum Nacional de Debates de Educação em Enfermagem**
24 a 25 de junho de 2004
das 8 às 18 horas
Local: Cruz Vermelha Brasileira
Av. Moreira Guimarães, 699
Informações: (11) 5055-3522
ramais: 116 / 118 / 122
www.sobee.org.br
Apoyo: ABESE / SOBEE

A ANATEN Associação Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem, promoverá o **II Encontro Nacional de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem** que acontecerá nos dias **26 e 27 de agosto de 2004**, no Centro de Convenções do Centro Universitário São Camilo, à Av. Nazaré, 1501.

Informações:
(11)4055-5612



Currículo desatualizado. Ao persistirem os sintomas, o Senac deverá ser consultado: novos cursos de extensão em enfermagem.

Com estes cursos de extensão em enfermagem, sua carreira recebe um check-up. Você vai se aperfeiçoar em uma área onde diferenciação é fundamental. E assim vai poder atuar na área em que quiser do mercado de enfermagem. Tudo isso graças às instalações e aos equipamentos, que estão entre os mais modernos da América Latina e possibilitam que o conhecimento teórico seja aplicado na prática. Além, como você já sabe, do corpo docente especializado e da metodologia voltada para o mercado que só o Senac tem. Veja abaixo o curso que mais se adapta à sua carreira, ligue e se informe. Viu? Os cursos de extensão em enfermagem no Senac são mais que cursos, são uma emergência. O Senac é mais. www.sp.senac.br • (11) 3329-6200



saúde



Cursos	Carga horária
D enfermeiro no Laboratório de Análises Clínicas	64 h
D enfermeiro na Unidade de diagnóstico por imagem	64 h
Sistematização da assistência de enfermagem	32 h
Exame físico na criança	32 h
Exame físico no adulto	32 h
Diagnóstico de enfermagem	32 h
Atuação do enfermeiro no tratamento com oxigenoterapia hiperbárica	32 h
D enfermeiro em Oncologia	32 h
O papel do enfermeiro frente ao transplante de órgãos	32 h
Eletrocardiograma e Arritmias para enfermeiros	32 h
Feridas, curativos e antissépticos	40 h
Atualização no cuidado com Ostomias	40 h



Da taipa de pilão ao tijolo de barro



A cidade de São Paulo ainda reúne construções onde podem ser apreciadas as técnicas de construção do século XVII e XVIII, como a taipa de pilão ou pau-a-pique, que precedeu o período da construção com tijolos de barro.

Estação Júlio Prestes

Construída entre os anos de 1926 e 1938 foi considerada uma obra grandiosa para a época, devido as dimensões do vão central, com 48m².

Rua Mauá, 51



Estação Júlio Prestes



Museu de Arte Sacra

Mosteiro da Luz

que abriga o Museu de Arte Sacra e a Igreja de Nossa Senhora da Luz, é o único conjunto arquitetônico do período colonial a permanecer intacto até hoje.

Av. Tiradentes, 676



Av. Tiradentes, 676

Chaminé da Luz

Construída entre 1888 e 1892 foi a 1ª usina da cidade que funcionava a baterias. Apesar de ter sido bombardeada nas revoluções de 1924 e 1932, foi demolida em 1985 para duplicação da avenida. Somente a torre foi preservada.

R. João Teodoro, s/nº



Pinacoteca do Estado

Concebida por Ramos de Azevedo para abrigar o Liceu e Artes e Ofícios, no início do século XX. Av. Tiradentes, 141.



Pinacoteca do Estado

Estação da Luz

Inaugurada em 1º de maio de 1901, em estilo vitoriano. Todo o material para sua construção foi importado da Inglaterra - Praça da Luz, 1



Estação da Luz

Capela Morumbi

Construída em taipa de pilão por volta de 1825 e até hoje podem ser vistas suas ruínas. A capela possui afrescos com cenas de batismo (anjos com faces de índios) - Av. Morumbi, 5387



Capela Morumbi

Casa do Bandeirante

Construída em taipa de pilão. Reúne, atualmente, utensílios e outros objetos de valor histórico - Pç Monteiro Lobato, s/nº



Casa do Bandeirante



Congresso internacional Enfermagem do Trabalho

23 JUNHO
25 2004

São Paulo
BRASIL

Ponências Públicas de saúde.
Formação e mercado de trabalho.
Qualidade de vida e preservação
da saúde dos trabalhadores.
PROVA DE TÍTULO: 22 de junho.
CURSOS PRÉ-CONGRESSO:
21 e 22 de junho.

Local: Auditório UNIBAN
Rua Maria Cândida, 1813 - São Paulo - Brasil

Realização:



Patrocínio:



Informações: www.anent.org.br • (11) 5042-3428

ANENT
Associação Nacional de Enfermeiros do Trabalho
(11) 5042-3428

Algumas instituições acusam a série E.R. de desacreditar a profissão

Exibida pelo canal Sony, a série E.R. tem sido alvo de críticas em países, como por exemplo Espanha e Argentina. Há vários anos as autoridades sanitárias dos Estados Unidos debatem o problema da falta de enfermeiros nos hospitais. As causas, que a princípio poderiam estar relacionadas a baixos salários, condições e escalas de trabalho complicadas, no entanto demonstraram ter outra origem. Um artigo publicado no jornal El Mundo, da Espanha afirma que as razões são outras: a maneira como a série enfoca a atividade de enfermagem, segundo pesquisadores do Center for Nursing Advocacy, acaba por desacreditar a profissão o que faz com que muitos profissionais desistam dela.

Fonte: **Los Andes – Mendoza**

Violência no trânsito

De acordo com dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde, somente em 2001 os acidentes de trânsito provocaram a morte de 30.527 pessoas nas ruas e estradas do Brasil o que implica em altos custos para o Sistema Único de Saúde (SUS). O Ministério da Saúde está canalizando esforços no sentido de contribuir para a diminuição do número de acidentes no País.

Fonte: **agência saúde**

Programa “reuniões de enfermagem urológica” passa apostar na multidisciplinaridade

Programa produzido na Unifesp e transmitido pela Conexão Médica abordará a urologia em outras especialidades. Em seu segundo ano de transmissão pela Conexão Médica, o programa Reunião de Enfermagem Urológica passa a investir mais intensamente no caráter multidisciplinar. Os casos clínicos terão como meta tratar a urologia dentro de outras especialidades. Serão debatidos ainda casos de emergências e artigos científicos. As reuniões são realizadas pelo Grupo de Enfermagem Urológica (GEU) da UNIFESP, com transmissão pela Conexão Médica sempre na primeira segunda-feira de cada mês, das 13 às 14h.

Fonte: **Acontece Comunicação e Notícias**

Vacinação contra Influenza

Em abril foi realizada mais uma campanha de vacinação contra a gripe Influenza. Mesmo após o término da campanha, a Secretaria de Saúde solicita aos médicos e enfermeiros a colaboração no sentido de recomendar aos seus pacientes a vacinação contra influenza, considerando que seus benefícios reais estão na prevenção das complicações decorrentes da infecção pelo vírus, na redução das hospitalizações e da mortalidade, principalmente em pessoas com doenças crônicas cardiovasculares, pulmonares e diabetes. É necessário desmistificar que a vacina provoca reações graves, ou mesmo provoca a gripe, e contamos com o compromisso da classe médica e de enfermagem neste trabalho. www.cve.saude.sp.gov.br



Presidente

Ruth Miranda

Vice-presidente

Akiko Kanazawa

Primeira-secretária

Maria Antonia de Andrade Dias

Segunda-secretária

Vanderli de Oliveira Dutra

Primeira-tesoureira

Rita de Cássia Chamma

Segunda-tesoureira

Aldaíza Carvalho dos Reis

Presidente da Comissão de Tomada de Contas (CTC)

Maria Aparecida Mastroantonio

Membros da CTC

Tomiko Kemoti Abe

Wilson Florêncio Ribeiro

Conselheiros efetivos

Anézia Fernandes, Francinete de Lima

Oliveira, Guiomar Jerônimo de Oliveira,

Lindaura Ruas Chaves, Magdália

Pereira de Sousa, Sérgio Luz, Sônia

Regina Delestro Matos, Terezinha

Aparecida dos Santos Menegueço

Redação

Denise Moraes, João Marinho

Revisão

Gustavo Valadão

Ilustração capa

Alvaro Guillermo

Projeto Gráfico

arte in comunicação e marketing

fone/fax: (11) 5042-3428

Coordenação editorial

De mais editora

fone/fax: (11) 5042-3428

comunica@artein.com.br

260 mil exemplares distribuição gratuita

Publicação oficial bimestral do COREN-SP • Reg. nº 24.929 • 4º registro • 260 mil exemplares • distribuição gratuita dirigida Rua Dona Veridiana, 298 • Higienópolis • São Paulo • SP • CEP 01238-010 • Fone: **0800 55 21 55** • www.corensp.org.br



Por motivos editoriais a redação poderá resumir o conteúdo das cartas.

▶ Gostaria de parabenizá-los pela ótima informação que recebemos em cada exemplar. Isso a cada dia nos faz importante e ter orgulho de ser Enfermeiro.
Rosângela Maria Alves de Oliveira

▶ Gostaria de parabenizar a redação pelo constante aprimoramento em suas reportagens. Gostaria de salientar que, para nós profissionais de enfermagem, elas são de suma importância. Continuem assim.
Ana Paula Tonza

▶ Nossa revista tem sido um marco em atualidades na enfermagem desde sua entrada no Conselho. A preocupação com “nossos Natais, e aniversários” nunca antes percebido, demonstram afeto e carinho tão necessário em nossa profissão. Particularmente decidi te escrever para referir que o número 49 foi o mais completo que recebi, todos os artigos foram extremamente “formadores” e complementa-

dores da minha atualização, destaque especial ao perfil profissiográfico previdenciário e a dispensação de medicamentos. Obrigada pela seriedade que mantém em seu trabalho.
Sandra de Souza Lima Rocha



Capa da edição 49

▶ Parabéns por esta última edição da Revista do COREN-SP. Fico muito satisfeita por todas as informações de tamanha importância para os profissionais de enfermagem. Agradecimento especial à matéria sobre SAE em Neurologia, mostrando uma padronização no atendimento de pacientes neurológicos e prevenção contra erros decorrentes de condutas de enfermagem inadequadas que podem

afetar a vida do paciente e familiares severamente. Além de Auxiliar de Enfermagem, estou no 2º ano de graduação em enfermagem. Vocês não sabem o quanto esta matéria está sendo essencial para mim, que atualmente, trabalho especificamente com Neuropediatria (Epilepsia Infantil). Desejo conseguir um aprimoramento nesta área. Gostaria de conhecer o Hospital Estadual de Bauru.

Maria Beatriz P. de Jesus

▶ Em nome da minha equipe quero agradecer belo artigo da revista COREN-SP intitulada “Enfermagem Modelo”, onde retrata o fruto do esforço de toda uma enfermagem que batalha no aprimoramento do seu cuidado através do desenvolvimento do saber. Foi extremamente gratificante ler o reconhecimento deste trabalho e confirmar o respeito que o COREN-SP sempre demonstrou pela enfermagem dessa casa. Receba nossos sinceros e afetuosos agradecimentos extensivos a todos que participaram na elaboração do texto.

Fernanda Faria

▶ As revistas do COREN-SP estão ótimas quanto aos artigos, mas gostaria se possível que a redação publicasse mais artigos

na área de saúde pública, saúde coletiva, Programa de Saúde da Família (PSF) inclusive cursos e eventos ligados a enfermagem. Agradeço sua atenção.
Loris Aparecida Felício Daniel

▶ Gostaria que pudessem fazer uma matéria sobre o desemprego na área de saúde e a questão sobre a ocupação de profissionais em vários empregos, pois conheço pessoas que ocupam até três empregos o desgaste físico e o perigo de cometer erros são inevitáveis.

Maria Aparecida Namiuti Souza

▶ Quero fazer um elogio para as enfermeiras e auxiliares da U.T.I. da Pneumologia do Hospital das Clínicas.
Teresa Santos da Silva

▶ Gostaria de aproveitar o espaço desta revista para poder desejar a todos os formandos do ano de 2003 pela conclusão do curso em Bacharel em Enfermagem principalmente da Universidade Universidade Nove de Julho UNINOVE que Deus nos abençoe ao longo desta jornada nos iluminando e nos capacitando cada vez mais na arte de cuidar e estamos muito felizes a todos os professores mestres o nosso muito obrigado por tudo.
Benedito Donizete Ferreira

7º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem

**Fortaleza - Ceará
11 a 15 de outubro de 2004**



**Participações de grandes
palestrantes**

**Shows com Harmonia
do samba e mais...**



Informações

0800 2800065

www.cbcef.com.br